

A SOCIEDADE INFLAMADA

Luiz Alex Silva Saraiva¹

Combinaram de nos matar, combinamos de ficar vivo...

Djonga

Se alguém tinha alguma dúvida da agenda efetiva do grupo genocida que assumiu o país, isso caiu por terra com as denúncias em infinitas camadas, e que ultimamente relevaram um esquema monstruoso de corrupção responsável por centenas de milhares de mortes no Brasil, isso acabou. Não conseguimos dimensionar, classificar ou adjetivar o tamanho da podridão que exala do grupo com os dentes cravados na *Res publica*, disposto a absolutamente tudo, como pudemos constatar, para a obtenção de benefícios e privilégios. Que se danem os empregos, a renda, a moradia, a alimentação, os remédios, a solidariedade, a vida, enfim, se isso significar ganhos pessoais.

Esse quadro, ativamente alimentado por partidários, omissos e opositores, revela uma crise sem precedentes na história do país, algo tão sério que demandará décadas para ser restaurado. Longe de qualquer nostalgia infundada, mas realmente algo se perdeu. Referimo-nos à civilidade, a certa noção de trato social, a um quadro em que ser discordante de alguém não convertia as pessoas em inimigas a serem extirpadas da

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

sociedade como tumores. Os níveis crescentes de intolerância em praticamente todos os campos da sociedade sugerem que estamos diante de relações sociais inflamadas.

A inflamação a que nos referimos não se refere à paixão com que levamos as nossas existências. Mas a uma perspectiva social adoecida, na qual reagimos, em escala crescente, ao que percebemos como agressão. Vivemos em escombros do que foi um país e que, para ser reerguido, precisará de mais do que de dedos apontados. Apesar de estarmos falando de algo mais complexo do que um desentendimento entre crianças, no qual não importa quem começou, trata-se de algo de alguma forma similar.

Precisamos superar o desamparo coletivo assumindo nossas dores e, para além disso, é imprescindível enxergar o que insistimos em fingir que não dói. Machismo, misoginia, sexismo, racismo, LGBTfobia, classismo, especismo, gordofobia, xenofobia, etarismo, entre inúmeras outras chagas, não são questões de minorias oprimidas. São problemas sociais, e se não bastasse a frieza dos números dos mortos e agredidos, podemos pontuar as condições generalizadas de opressão soba qual vivem muitos grupos sociais. Problemas de uma sociedade que vive a normopatía (Mendes & Duarte, 2013) que finge se espantar com o sofrimento dos violentados por serem quem são. Um estranho tipo de solidão universal nos assola, convencendo-nos de que não existe o social e que tudo estaria justificado para conseguir o melhor para si. O isolamento que vivemos nas nossas vidas, principalmente nas cidades (Saraiva, 2020), é um mantra que repetimos para nós mesmos como meio de prosseguir em meio a um oceano de indiferença e problemas sociais que nos cercam como cadáveres insepultos, cujo mau cheiro e o apodrecimento dizem mais de nós mesmos do que ousamos assumir.

Não surpreende de todo, assim, que tenhamos dado condições para que uma desgraça tão grande como a ascensão de um grupo miliciano se abatesse sobre nossas cabeças. Pouco surpreende também que o resultado das eleições tenha sido minimizado como

“parte do jogo democrático”. O resultado está aí: centenas de milhares de mortos por Covid-19 quando já havia vacinas disponíveis, e quanto era possível tê-las adquirido a tempo. Mas, para esse grupo, nossas vidas eram menos importantes que seu enriquecimento, e por isso sequer vacilam diante da decisão de deixar pessoas morrerem sem oxigênio para adiar a aquisição de vacinas com as quais pudessem lucrar. Para enriquecer, combinaram de nos matar. Mas nós combinamos de não morrer. Que entendamos que luto precisa implicar luta.

Com este número abrimos o oitavo ano de existência de **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, fieis ao que propomos no nosso primeiro editorial e cada vez mais engajados na construção de uma ciência que não se esconde atrás de conceitos e metodologias. Para podermos efetivamente servir à sociedade, entendemos ser fundamental questionar suas múltiplas dinâmicas de opressão.

Contamos neste número 21 com **Capa** *Nem tiro, nem fome, nem covid*, de *Alyne Lima*. Associando de imagem e texto, ela explora a necessidade de se lutar cotidianamente em tempos como estes em que vivemos, em especial contra o racismo, um mal que assola há centenas de anos o Brasil e que adquire diversas faces na pandemia, como a da precarização do trabalho, do não isolamento e da exposição das pessoas negras à pandemia e da violência policial, aspectos que precisam ser enfrentados pela sociedade brasileira como um todo.

Temos o prazer de publicar nesta edição o primeiro **Fórum Especial**, uma seção desenhada para problematizar temáticas e abordagens de interesse da nossa comunidade, e que contou com cinco textos. Contamos como editores especiais nesta iniciativa *Vitória Régia Izaú*, *Richard Christian Pinto dos Santos*, *António Afonso Delgado* e *Alexandre Francisco Braga*, responsáveis por concretizar uma iniciativa ampla, interdisciplinar e intercontinental sobre *Estratégias de enfrentamento ao racismo estrutural e à necropolítica em tempos de pandemia em África e na Diáspora*.

Este Fórum Especial é composto por cinco contribuições. Na primeira delas, *Estratégias de enfrentamento ao racismo estrutural e à necropolítica em tempos de pandemia em África e na diáspora*, de *Vitória Régia Izaú, Richard Christian Pinto dos Santos, António Afonso Delgado e Alexandre Francisco Braga*, es editores especiais, fazem breves reflexões sobre a importância de abordar a temática e introduzem os quatro textos restantes.

Em *Mulheres africanas, racismo estrutural e pandemia de covid-19: um estudo de caso na cidade da praia em Cabo Verde*, *Rutte Tavares Cardoso Andrade* se propõe a ponderar a respeito da agência das mulheres africanas e sua (re) existência em tempo de Pandemia de COVID 19, no contexto da cidade da Praia, capital de Cabo Verde. A partir da epistemologia de Mulherismo Africana, a autora examina os processos de ocupação do espaço urbano na cidade da Praia, situando o contexto histórico e cultural e as estratégias de apagamentos das práticas culturais africanas que configuram a identidade cultural da cidade. Ela conclui que, apesar das políticas de exclusão e apagamento em cidades colonizadas, as mulheres historicamente são importantes na construção da cidade.

Erisvaldo Santos, em *Comunidades religiosas matrizes africanas e a pandemia do covid-19 na região metropolitana de Belo Horizonte*, procura conhecer como os terreiros de Candomblé, Umbanda e Omolocô na região metropolitana da capital mineira estavam enfrentando a Pandemia do COVID-19. A discussão empreendida retomou a história de exclusão vivenciada por religiões não hegemônicas em narrativas sobre a relação entre a saúde da população e as práticas de cura da medicina tradicional, o que sugere apreensões, preocupações e as expectativas no contexto pós-pandemia.

As táticas e os momentos charneiras produzidos pelas mulheres negras no Brasil e em Moçambique em tempos de pandemia, texto de *Paula Lúcia Salvador Machava, Elizete Santos, Maria do Socorro Borges da Silva, Linda Maria de Jesus Bertolino*, parte da

compreensão de que ambos os elementos constituem aspectos imprescindíveis para garantir o direito à vida, tanto dos familiares das mulheres negras como da comunidade circunvizinha de seus bairros/cidades. Isso sustenta a força comunitária exercida por essas mulheres em seus lares e em suas comunidades, de maneira a mostrar como esse mecanismo de força concorre para propiciar cidadania, uma vez que é no exercício dessa ação que se constitui uma dimensão ética em relação à vida do outro.

Fechando o fórum especial, *Alexandre Francisco Braga* e *Vitória Régia Izaú* examinam, em *Da revolta da vacina ao povo sem vacina contra a covid-19: reflexões sobre pandemia, raça e exclusão social*, narrativas negras sobre os efeitos da pandemia causada pelo Covid-19, considerando os sistemáticos ataques à democracia e aos direitos sociais no Brasil desde o golpe de 2016. Sustentam seus argumentos sobre o fato de que as cidades brasileiras não foram construídas tendo como foco a classe trabalhadora, o que originou um olhar urbano eurocêntrico sobre as cidades no país e que precisa ser questionado para existências dignas das pessoas negras na urbe.

A seção **Artigos** conta com duas contribuições. *Reflexividade e a aprendizagem no processo de sensemaking de práticas estratégicas: estudo de casos múltiplos em empresas juniores de Sergipe*, de *Adrienne Garcia*, *Ludmilla Meyer Montenegro* e *Gracyanne Freire de Araújo*, explora a construção de sentidos de membros das empresas juniores vinculadas à Universidade Federal de Sergipe na estratégia de suas organizações. Os principais resultados sugerem que a experiência concreta proporciona, em última instância, possibilidades de abstrações conceituais e generalizações, aspectos que, postos à prova em novas situações, geram outras possibilidades de experiência concreta.

O segundo artigo é uma contribuição internacional, direto da Argentina. *Diego Szlechter*, *Gustavo Gibert*, *Alexis Tcach* e *Lautaro Tacchini* nos brindam com o texto

Pedagogía y gestión de la formación profesional como herramienta de igualdad social. Un estudio de caso para abordar la trazabilidad de trayectorias formativo-laborales en un centro de formación profesional de la provincia de Buenos Aires. Nesta contribuição, os autores apresentam uma visão emancipatória dos Centros de Formação Profissional (VTC) como dispositivos que podem promover a igualdade social baseada em uma abordagem propedêutica da ligação entre a formação profissional e a inserção no mercado de trabalho, envolvendo mudanças pedagógicas e de gestão em relação aos modelos organizacionais clássicos no campo. As principais contribuições, uma perspectiva dos estudos críticos de gestão, procuram ligar os processos organizacionais com os de natureza social, ao mesmo tempo em que propõem práticas e tecnologias de gestão que envolvem de forma horizontal e democrática os atores que participam da vida organizacional.

A seção **Ensaio** conta com uma contribuição, assinada por *Josiane Silva de Oliveira e Marina Dantas de Figueiredo*. Em *Os espaços, as práticas e as etnografias nos estudos organizacionais brasileiros*, as autoras debatem a incorporação da etnografia como método de pesquisa na área de Administração e seus efeitos na construção epistemológica do conceito de espaço organizacional nos Estudos Organizacionais. As autoras sustentam que conduzir investigações etnográficas configuram os espaços nas organizações, uma vez que a relação entre pesquisador e campo de pesquisa descontroem narrativas organizacionais pretensamente universais.

A última contribuição deste número é de *Henrique Muzzio*, que na seção **Registros fotográficos** nos oferece *Cidades criativas da Unesco: registros de design e artesanato em capitais do Nordeste*. Neste texto são analisadas as experiências de Fortaleza e João Pessoa, duas cidades reconhecidas pela UNESCO com cidades criativas. Inspirado pela fotoetnografia, o registro explora exemplos da pertinência de cada uma destas cidades ter sido reconhecida como cidade criativa. O autor conclui que apesar das críticas, a

perspectiva da cidade criativa pode ser um importante meio de desenvolvimento socioeconômico a partir de atividades baseadas na criatividade.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

Mendes, Ana M. & Duarte, Fernanda S. (2013). Normopatia. In Fernando O. Vieira, Ana M. Mendes; Álvaro R. C. Merlo (Orgs.). *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 263-266). Curitiba: Juruá.

Saraiva, Luiz Alex S. (2020). Isolamento social e solidões na cidade. In Ludmila V. M. Guimarães, Teresa C. Carreiro, & Jacyara R. Nasciutti (Orgs.). *Janelas da pandemia* (pp. 427-434). Belo Horizonte: Instituto DH.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

Texto individual, elaborado pelo autor.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

O autor declara que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Saraiva, Luiz Alex S. (2021). A sociedade inflamada. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(21), 1-8.